



ECONOMIA

Por **FABIANO BELLATI**

Fabiano Bellati é comentarista de Economia e Política Internacional, Mestre em Relações internacionais e Estudos Europeus pela Universidade de Évora em Portugal, Mestre em Administração de Empresas pelo Unisal, escritor e consultor. Como professor Universitário passou pelas principais universidades brasileiras nas áreas de gestão, economia e marketing.

Caso Banco Master expõe fragilidades do sistema, contamina o ambiente político e acende alerta sobre risco sistêmico

O caso Banco Master deixou de ser apenas um episódio de deterioração financeira de uma instituição de médio porte e se transformou em um dos assuntos mais sensíveis do país no início de 2026: um teste de credibilidade para o sistema de controle, para o Banco Central e para o próprio ambiente institucional brasileiro. A liquidação extrajudicial do banco, decretada pelo Banco Central em novembro de 2025, foi oficialmente motivada por grave crise de liquidez, deterioração financeira e violação de normas do sistema financeiro.

O que ampliou o alcance do episódio foi a combinação de três elementos: investigações federais, suspeitas de operações complexas com fundos e garantias, e a percepção de que o caso passou a sofrer pressões políticas e disputas em órgãos de controle. A partir daí, o assunto entrou no radar de investidores, do Congresso e da imprensa internacional, com repercussões que vão além da instituição liquidada.

Da crise do banco ao terremoto político-institucional

Embora o Banco Master representasse menos de 1% dos ativos do sistema bancário brasileiro, seu colapso chamou atenção pela velocidade do crescimento e pelo modelo de captação, associado a instrumentos de alto rendimento e ao debate sobre o funcionamento do FGC (Fundo Garantidor de Créditos).

Nos bastidores, o caso se desdobrou em uma disputa que atingiu o coração de Brasília. Reportagens apontaram que a liquidação e o destino dos ativos envolveram questionamentos no TCU, além de episódios que elevaram a tensão entre grupos políticos e órgãos fiscalizadores. A agência Reuters relatou que um magistrado do Tribunal de Contas avaliou medidas para impedir a venda de ativos durante o processo de liquidação e determinou ins-

peção dos documentos que fundamentaram a decisão do Banco Central.

Ao mesmo tempo, investigações começaram a avançar sobre supostos vínculos de bastidores e eventuais beneficiários ocultos. Nesta segunda-feira (19), a Reuters noticiou que o ministro do STF Dias Toffoli autorizou o congelamento de ativos do empresário Nelson Tanure, a pedido da PGR, em investigação ligada ao Banco Master informação que elevou ainda mais a temperatura política do caso.

Risco sistêmico: não é apenas “tamanho”, é confiança

No debate técnico, o governo tentou reduzir a percepção de contágio. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou que o caso é grave, mas avaliou que não representa risco sistêmico para o sistema como um todo.

Por outro lado, relatórios e análises de mercado apontam o risco por outro ângulo: o risco sistêmico pode nascer da perda de confiança, e não apenas do tamanho do banco. A Polícia Federal citou “fortes indícios” de desvio de recursos e mencionou “risco sistêmico ao sistema financeiro” em material associado às investigações, segundo reportagem do InfoMoney.

A Agência Brasil, ao explicar a sequência dos fatos, destacou que as apurações e relatórios mencionam que o colapso do Master não teria sido apenas financeiro, mas também institucional, com conexões envolvendo estruturas do mercado e o debate público sobre governança e fiscalização.

O efeito prático é um só: quando a credibilidade do processo de resolução é questionada, o custo de captação aumenta e a percepção de risco se espalha para instituições similares. É nesse ponto que o episódio deixa de ser um problema isolado e passa a criar um prêmio de risco para o setor.

Possível “efeito dominó” e o alerta em outras pontas do sistema

O temor de contaminação aparece especialmente em segmentos que dependem de confiança e liquidez diária. O Banco Central, inclusive, avançou sobre instituições conectadas ao caso. Em 15 de janeiro, a autoridade monetária determinou a liquidação da corretora REAG (CBSF), citando “violações graves”, e a Reuters relacionou a medida a apurações que apontam transferências e estruturas suspeitas envolvendo o Banco Master.

Esse desdobramento reforçou uma preocupação recorrente no mercado: o risco pode migrar para operações paralelas, como estruturas com fundos e veículos que fogem do escrutínio bancário tradicional. Por isso, a discussão sobre regulação ganhou força.

Repercussão internacional: o Brasil no radar de investidores

Mesmo sendo um episódio doméstico, o caso rapidamente ganhou leitura internacional por tocar num ponto essencial: a independência técnica das instituições e a previsibilidade regulatória. A Reuters vem acompanhando o episódio com foco na relação entre Banco Central, TCU, investigações e pressões políticas, registrando o assunto como elemento observado por investidores internacionais.

Além disso, análises publicadas fora do circuito tradicional brasileiro descrevem o caso como um tipo diferente de risco: não necessariamente um “Lehman Brothers” em tamanho, mas um episódio que testa os limites entre supervisão técnica e interferência institucional justamente o tipo de sinal que mexe com percepção de risco-país e precificação de ativos.

Resposta do governo: mudança regulatória após o choque



Como reação ao caso, Haddad defendeu ampliar o poder do Banco Central para supervisionar fundos de investimento, hoje na esfera da CVM, como forma de reforçar o controle do sistema após o

episódio. A proposta foi noticiada por Reuters e também por Bloomberg, mostrando que o caso Master pode virar um marco regulatório para o setor financeiro brasileiro.

Um caso que ainda não terminou

O Caso Banco Master entra para a lista dos episódios que deixam marcas duradouras porque reúne, ao mesmo tempo, investigação policial, disputas políticas, tensão regulatória e risco reputacional. Mesmo que o sistema bancário brasileiro seja robusto, o episódio aumenta o custo da incerteza: investidores exigem mais prêmio, instituições menores são observadas com lupa e o debate sobre governança volta ao centro do poder.

No curto prazo, o impacto mais imediato não é uma quebra generalizada, mas a erosão do ativo mais valioso de qualquer sistema financeiro: a confiança.

HEALTH · FOR YOU
HEALTH & LIFE INSURANCE SOLUTIONS

Cuidando da sua família nos EUA!

Planos acessíveis e completos para cada fase da sua vida. Cuide de quem você ama com tranquilidade e segurança.

Seguro Saúde Personalizado

Cobertura sob medida para suas necessidades.

Seguro Estudante

Proteção ideal para estudantes internacionais.

Seguro Viagem

Assistência médica em qualquer lugar do mundo.

Seguro de Vida

Segurança financeira para imprevistos.

Fale agora pelo WhatsApp:
(407) 732-9685

Atendimento em Português, English e Español

healthforyouinsurance.com